REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

As viagens de Adelardo de Bath. Os testemunhos de uma vida global no renascimento do século XII.

The Travels of Adelard of Bath. Testimonies of a Global Life in the Twelfth-Century Renaissance.

Carlile Lanzieri Jr.[1]

Resumo: Nascido em Bath, na Inglaterra, Adelardo tornou-se conhecido pelo que deixou em suas principais obras: *De eodem et diverso* e *Questiones naturales*. Ambas escritas em seu retorno à sua terra natal depois de décadas a viver em outros lugares a acessar diferentes saberes. Isso também é verificado nas traduções de livros que ele produziu. Em suas andanças no início do século XII, Adelardo de Bath esteve nas escolas do norte da França e na Itália. No rastro da primeira cruzada, rumou para o oriente onde teve acesso a conhecimentos de origens diversas. A partir da trajetória deste personagem, pretendemos apresenta-lo como um ator-rede que aprendeu e ensinou naquilo que a historiografia denominou "renascimento do século XII". Com Adelardo e os indícios da existência de redes e conexões presentes em sua história, acreditamos ser possível trabalhar este período tendo como referência uma abordagem global capaz de apontar para histórias que se passavam de forma simultânea em lugares pouco iluminados por uma historiografia mais tradicional. Como isso, também acreditamos ser plausível compreender este contexto tratado como renascentista de forma inclusiva e pelo que era próprio dele e não como antecipação da modernidade ou outros renascimentos.

Palavras-chave: Adelardo de Bath; História Global; renascimento do século XII.

Abstract: Born in Bath, England, Adelard became known for what he left in his principal works: *De eodem et diverso* and *Questiones naturales*. Both were written upon his return to his homeland after decades spent living in other places and engaging with different forms of knowledge. This is also evident in the translations of books that he produced. During his travels in the early twelfth century, Adelard of Bath studied in the schools of northern France and in Italy. In the wake of the First Crusade, he journeyed eastward, where he gained access to knowledge of diverse origins. Based on the trajectory of this figure, we aim to present him as a network-actor who learned and taught within what historiography has termed the "twelfth-century renaissance." Through Adelard and the indications of networks and connections present in his story, we believe it is possible to approach this period through a global perspective capable of highlighting histories that unfolded simultaneously in places often overlooked by more traditional historiography. In doing so, we

[1] Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (2013); Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

also argue that it is plausible to understand this so-called Renaissance context in an inclusive way, on its own terms, rather than as a precursor to modernity or to other renaissances.

Keywords: Adelard of Bath; Global History; Twelfth-Century Renaissance

> "[...] para além de repensarmos as nossas noções de periodização, somos obrigados a repensar as nossas noções de fronteiras e circuitos, a redesenhar mapas que emergem das problemáticas que pretendemos estudar, em vez de inventarmos problemáticas que encaixem nas cartografias preexistentes"[2]
>
> "No melhor dos casos, contudo, o enfoque nos indivíduos ou nos pequenos grupos pode levar-nos a descobertas fascinantes sobre os processos de mudança global e ao modo como eles condicionam o espaço da ação humana individual. Não menos importante, as micro perspectivas têm o poder de revelar a heterogeneidade e a resistência dos agentes históricos"[3]

I. Introdução.

> [...] ele exortou-me a apresentar algo novo dos estudos dos Árabes. Com o assentimento dos outros, empreendi escrever o seguinte tratado que sei que será útil à audiência, mas se será agradável, não sei. Pois esta geração sofre deste vício que pensa que nada não reputado aos modernos deve ser recebido.[4]
> Lembro-me, sobrinho, já transcorridos sete anos, quando me despedi de você que ainda era um pueril junto com outros estudantes Gauleses meus em Laon, que entre nós concordamos que eu deveria escrutar os estudos dos Árabes de acordo com os meus propósitos, mas você não menos proficiente se tornaria na inconstância das sentenças dos Gauleses.[5]
> Mas como essa disputa não será inútil para você e muitos outros, tolerarei a sua insolência, contanto que evite este inconveniente. Quando apresento ideias desconhecidas, que ninguém pense que proponho isso da minha cabeça, mas que dou senso a partir dos estudos dos Árabes. Pois não quero que aconteça que o que eu diga desagrade

[2] SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Impérios em concorrência*: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: ICS, 2012, p. 19.
[3] CONRAD, Sebastian. *O que é a História Global?* Lisboa: 70, 2019, p. 161.
[4] ADELARDO DE BATH, *Questiones naturales*, p. 82 [Edição bilíngue latim/inglês consultada: *Adelard of Bath*: conversations with his nephew - On the same and the different, Questiones on natural Science and On birds. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 (editada e traduzida por Charles Burnett]. Todas as traduções dispostas neste artigo foram feitas a partir de edições críticas das fontes originais devidamente apresentadas nas Referências Bibliográficas e são de minha autoria e inteira responsabilidade.
[5] Idem, p. 90.

> aqueles que professam a verdade e sofram nas mãos do vulgo. Portanto, defenderei a causa dos Árabes, não a minha.[6]

Depois de ao menos duas décadas de andanças que foram do sul da Inglaterra até o que hoje conhecemos como Oriente Médio, a passar por diferentes regiões da França e da Itália, Adelardo de Bath voltou à sua terra natal então sob o governo de Henrique I (1068-1135). No processo de retorno, Adelardo dedicou-se a escrever as principais obras pelas quais ficou conhecido no seu tempo e nos séculos subsequentes: *De eodem et diverso* e *Questiones naturales*. Ambas serão as fontes por ele deixadas com as quais trabalharemos neste artigo. Obras cujos conteúdos trazem muito do que ele aprendeu, mas que certamente lhe permitiram se estabelecer e se inserir nas cortes e escolas locais em busca de apoio político e financeiro, uma vez que as suas memórias e os conhecimentos obtidos se tornaram um valioso capital que outros como ele investiram em um crescente mercado de mestres e discípulos então muito direto, disputado e pouco regulamentado.[7]

Os três fragmentos acima transcritos foram extraídos das primeiras páginas da edição bilíngue (latim/inglês) de *Questiones naturales* feita por Charles Burnett,[8] um dos principais estudiosos da obra de Adelardo e das relações entre as culturas árabes e latinas no medievo.[9] Os dois últimos fazem parte de um diálogo travado entre o próprio Adelardo e o seu sobrinho, um dos estudantes que passaram pela escola da catedral da cidade de Laon, uma das mais importantes daquele tempo. Embora não saibamos se este rapaz existiu de verdade ou se ele era somente um recurso retórico ou uma espécie de *alter ego* que Adelardo criou e utilizou para trazer à tona os seus principais argumentos, o fato é que as dúvidas e preconceitos deste inominado jovem em relação aos conhecimentos dos árabes dão o tom de boa parte da prosa encontrada na fonte. Também não podemos deixar de destacar que há uma tensão entre ambos nos fragmentos escolhidos, o que sugere a

---

[6] Idem, p. 90.

[7] BOSCH, Rafael. *Hereges dialéticos: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII*. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Filosofia, Campinas, 2021, especialmente o capítulo 5; BRUUN, Mette B., GLASER, Stephanie (eds.). *Negotiating heritage*: memories of the Middle Ages. Turnhout: Brepols, 2008; LANZIERI JÚNIOR, Carlile. *O renascimento do século XII*: a longa e sinuosa trajetória de um conceito e suas novas possibilidades de abordagem. Serra: Milfontes, 2023, especialmente o capítulo 2; MEWS, Constant J. The schools and intellectual renewal in the twelfth century: a cocial approach. In: GIRAUD, Cédric (ed.). *A companion to twelfth-century schools*. Boston/Leiden: Brill, 2020, p. 15 e 28; VERGER, Jacques. The World of Cloisters and Schools. GIRAUD, Cédric (ed.). *A companion to twelfth-century schools*. Boston/Leiden: Brill, 2020, p. 60.

[8] Cf. nota 3.

[9] Cf. BURNETT, Charles. *Arabic into Latin in the Middle Ages*: the translators and their intelectual and social contexts. Burlington: Ashgate, 2009.

descrença inicial do referido sobrinho ao que o tio aprendeu em lugares tão distantes, algo comum naquele período e que pode ser verificado em testemunhos que se dedicaram a descrever os árabes como infiéis que se opunham ao cristianismo. Certamente, uma estratégia de convencimento frequente no contexto das primeiras cruzadas e que diz mais a respeito de quem não os havia conhecido *in loco* como fez Adelardo. Apenas em finais do século XII tal postura arrefeceu-se de modo mais significativo em função dos contatos materializados em viagens e traduções de uma miríade de textos em árabe para o latim.[10] Por sua vez, de maneira decidida, Adelardo defendeu os estudos dos árabes que acessou em variadas oportunidades no curso de sua trajetória. E ele não fez isso apenas nas passagens que analisamos, mas em toda a sua obra e nas muitas traduções que produziu ao longo dos anos em que se manteve intelectualmente ativo.[11] Dentre estas, estão, por exemplo, as tábulas astronômicas de Al-Khwarizmi (†850), *A Abreviação da Introdução à Astrologia* de Abu Ma'shar (787-886) e *O Livro dos Talismãs* de Thabit ibn Qurra (826-901), assim como *Os elementos* de Euclídes (século III a.C) e *O Centiloquium* atribuído a Ptolomeu (c. 90-168).

Ainda no que se refere aos extratos dispostos na abertura deste artigo, um outro ponto que nos chamou a atenção e que merece destaque é que as palavras de Adelardo de Bath foram genéricas ao descrever os "árabes" e os seus "estudos" em suas primeiras argumentações. Ele não definiu se estava a se referir aos que ainda viviam com os seus descendentes em boa parte da Península Ibérica, no sul da Itália ou mesmo no oriente que ele visitou. Ao que tudo indica, por estar a escrever ainda nas páginas inicias do seu tratado e depois de longas jornadas por lugares distantes entre si, o autor em questão se referia a todos eles, sem a necessidade inicial de oferecer pormenores geográficos e culturais aos seus prováveis leitores, dentre estes, o seu desconfiado sobrinho. Superar essa generalização inicial e buscar detalhes acerca desses conhecimentos e sobretudo de suas origens para além da singularidade do termo "árabes" será um dos nossos objetivos nas páginas subsequentes.

[10] WHEATCROFT, Andrew. *Infiéis:* o conflito entre a cristandade e o islã – 638-2002. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp. 195-196 e 206.
[11] AL-KHALILI, Jim. *The house of wisdom*: how arabic Science saved ancient knowledge and gave us the renaissance. New York: The Penguin Press, 2011, pp. 223-225; BURNETT, Charles (ed.). *Adelard of Bath*: an English scientist and arabista of the early twelfth century. London: The Warburg Institute/University of London, 1987 e LYONS, Jonathan. *A casa da sabedoria*: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, pp. 74-76.

Por fim, as palavras deixadas por Adelardo tanto em *De eodem et diverso* quanto em *Questiones naturales* acerca dos lugares onde passou, dos circuitos de conhecimentos nos quais adentrou e com quem esteve em seu périplo intelectual servem de indícios que nos fazem vislumbrar algo maior formado por redes e conexões construídas pelas mãos de diferentes personagens e materializadas em livros e traduções que nos indicam a necessidade de rever nossas percepções acerca do que foi o renascimento do século XII, sobretudo em termos espaciais. Sem dúvida, estamos diante de um período de mudanças que se fez presente nos debates historiográficos desde o século XIX, mudanças que precisam ser compreendidas em termos próprios e Adelardo e tantos outros que viveram nesta época nos ajudam a compreendê-las melhor, ou ao menos nos indicam o imperativo de novas abordagens a partir das quais esse debate pode e deve ser construído tendo em vista o aconselhamento de Sanjay Subrahmanyam disposto na epígrafe e sua recusa em trabalhar com cartografias nacionalistas previamente definidas nas quais encaixamos nossas problemáticas.

II. Por um renascimento do século XII mais amplo e global e menos moderno

Logo na primeira página da edição portuguesa de seu manual intitulado *Europa Medieval*,[12] Chris Wickham mostrou-se um crítico dos que compreenderam e ainda compreendem a História da Idade Média a ter como balizas abordagens teleológicas como se todas as narrativas construídas desaguassem em um lugar previamente determinado a confirmar o antes pelo que veio depois. Em alguns casos, muito depois, como a reforma protestante e o renascimento italiano. Ainda na sequência de sua argumentação, Wickham foi taxativo ao acrescentar a importância de se entender que o período medieval é interessante por si, por sua alteridade, e que não precisa ser validado ou criticado pelos hipotéticos desenvolvimentos que aconteceram *a posteriori* ou, de acordo com as palavras que ele mesmo compartilhou, como uma "parte 'real' da modernidade" supostamente aguardada a trazer um desejo de renascer pontuado por uma sequência lógica e bem encadeada de reformas e conquistas que conduziram o ocidente cristão europeu ao seu desde sempre anunciado "destino manifesto".

Para dar solidez à proposição crítica deste medievalista que daqui para frente nos servirá como uma fio de Ariadne analítico, nós o colocamos em diálogo com Sita

[12] WICKHAM, Chris. *Europa medieval*. Lisboa: 70, 2019, p. 23.

Steckel[13] e Jo Ann H. Moran Cruz,[14] medievalistas de uma nova geração que há algum tempo tomamos como referências no que escrevemos. Para Steckel e Cruz, respectivamente, tal prática historiográfica ainda tão forte entre nós pode ser descrita como envolvida por um "paradigma da modernidade" ou por uma "agenda modernista" com seus adeptos sempre dispostos a "descobrir" no baixo medievo as raízes liberais burguesas da Europa ocidental. Neste caso, o "ídolo das origens" denunciado por Marc Bloch (1886-1945)[15] em meados do século passado permanece sobre o seu altar cercado por adoradores mansos e acríticos. Aos ensinamentos de Bloch erigidos em condições tão adversas que o levaram à morte, acrescentamos o alerta feito já no início deste século por Alain Guerreau.[16] Incisivo como é tão característico em sua escrita, Guerreau foi certeiro ao expor a crítica aos erros passados dos historiadores. Para ele, as muitas conclusões destes há tempos canonizadas devem sempre ser colocadas à prova com argumentos maduros. Um exercício intelectual saudável capaz de superar o que as camadas de genealogias historiográficas sedimentaram ao longo dos anos ou mesmo décadas. Ainda para Guerreau, algo que os medievalistas e as medievalistas da atualidade devem assumir como um compromisso ético e profissional. Portanto, aos olhos de Sita Steckel, Jo Ann H. Moran Cruz e do próprio Chris Wickham, sem perder Alain Guerreau de vista, em silêncio e de maneira gradual, tal referencial orientado para a modernidade se impôs na historiografia que por décadas definiu, por exemplo, os monges e suas respectivas ordens como representantes de um modelo de ensino e pensamento tradicionais que se opunha ao que as escolas urbanas e as posteriores universidades passaram a promover. Neste e em outros exemplos com narrativas lineares que poderíamos aqui citar, a luta liberal e burguesa travada em ambientes citadinos a abrir caminhos para a modernidade contra antigos regimes de toda espécie se estabeleceu sem se dar conta dos exageros interpretativos impostos ao passado na esperança de que este fosse apenas uma das

[13] STECKEL, Sita. Concluding observations: horizontal, hierarchical and community-oriented learning in a wider perspective. In: LONG, Micol, SNIJDERS, Tjamke, VANDERPUTTEN, Steven (eds.). *Horizontal learning in the high Middle Ages*: peer-to-peer knowledge transfer in religious communities. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019, p. 241

[14] CRUZ, Jo Ann Moran (ed.). *A cultural history of education in the medieval age*. London, New Delhi, New York, Oxford, Sidney: Bloomsbury Academy, 2020, p. 2.

[15] BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp. 56-60.

[16] GUERREAU, Alain. *El futuro de un passado*: la Edad Media en el siglo XXI. Barcelona: Crítica, 2002, p. 12.

numerosas contas de um rosário muito bem amarrado dentro de uma sequência temporal lógica prévia e naturalmente definida.

Em função da amplitude deste tema e de todos os desdobramentos que a análise documental e historiográfica exige, optamos por nos limitar à necessidade de repensar esse momento histórico a partir de uma abordagem global, uma vez que acreditamos ser essa a que melhor se encaixa em nossa proposta. Com ela, imaginamos ser possível jogar um de pouco luz sobre o policentrismo e o multidirecionamento observados em variados indícios dispostos nas fontes deixadas por Adelardo que chegaram até nós. Ao tomá-lo como referência assim como os processos que o envolveram nos diferentes lugares por onde passou, temos a confiança de poder enxergar nestes as redes de contato e circulação de conhecimentos que ele estabeleceu ao longo de sua trajetória. Assim, por seguir as pessoas com os seus bens materiais e imateriais e aqueles que conseguiram acessar, como orientou Sebastian Conrad,[17] que também nos serviu de epígrafe, julgamos ser possível pensar o renascimento do século XII a questionar as suas dimensões espaciais tradicionais que tinham como epicentro o norte da França medieval com as suas escolas ligadas a alguma catedral urbana em plena ascensão.

Como evidenciado, Adelardo de Bath foi um dos personagens centrais daquilo que a historiografia desde a primeira metade do século XIX passou a descrever como "o renascimento do século XII". Sem dúvida, tal conceito ganhou lugar definitivo no interior dos estudos medievais com a publicação em 1927 de *The renaissance of the twelfth century*, livro do medievalista norte-americano Charles Homer Haskins (1870-1937). Crítica velada a Jacob Burckhardt (1818-1897),[18] pesquisador do renascimento italiano para o qual o medievo foi um tempo de estagnação, Haskins muito contribuiu para retirar dos ombros deste período histórico o peso de críticas infundadas que vinham desde o século XV. Mas o que Haskins de fato fez foi apenas aprofundar essa história e deslocá-la para o norte da França Medieval sem tocar nos referenciais modernizantes de Burckhardt sobre ela projetadas. A partir dos anos 60 do século passado, com as mudanças políticas globais que deram ensejo aos primeiros estudos decoloniais que se consolidaram nas décadas seguintes a ganhar corações e mentes de pesquisadores e pesquisadoras nos cinco continentes, os debates mudaram em função da percepção de que

[17] CONRAD, Sebastian, *op. cit*., pp. 117 e 149.
[18] BURCKHARDT, Jacob. *The civilization of renaissance in Italy*. Londres: Penguin Books, 1990.

o mundo era muito amplo para ser acomodado nos sistemas narrativos históricos até então estabelecidos. Todavia, de acordo com a historiografia trabalhada, é perceptível que os estudos sobre o renascimento do século XII demoraram mais para absorver tais referências.

Traduzida para vários idiomas e criticada pontualmente no decorrer das décadas subsequentes à sua publicação,[19] é inegável que a proposta de Haskins labutou no sentido de retirar do medievo a pecha preconceituosa de "idade das trevas" com todos os seus termos correlatos. Sempre será importante dizer isso, sobretudo por se tratar de um livro que está prestes a completar cem anos do seu lançamento. Mas também não podemos negar o fato de que *The renaissance of the twelfth century* outras tantas vezes assumiu a condição de portador de um padrão narrativo que pode ser assim disposto: recuperação dos clássicos gregos e latinos, gradativo reaquecimento das atividades artísticas no meio urbano como consequência do incremento das atividades comerciais (com destaque para a arquitetura das grandes catedrais góticas), um novo humanismo, uma nova ciência e uma retomada filosófica que culminou com a fundação das primeiras universidades no século XIII. E tudo isso foi feito, como escrito em parágrafos anteriores, em tons liberais de valorização dos indivíduos e individualidades em oposição a um passado monástico feudal religioso e introspectivo. Tais acontecimentos se deram basicamente nos mesmos lugares nos limites da chamada "civilização do ocidente medieval", com destaque óbvio para França, Inglaterra, Itália e Espanha, sendo esta a partir de uma posição secundária. Como destacado, na condição de resposta ao antigo livro de Jacob Burckhardt que muito bebeu nas nítidas exaltações historiográficas de verniz nacionalista feitas por Jules Michelet (1798-1894) ao renascimento italiano e à reforma,[20] a proposta de Haskins igualmente influenciou outros pesquisadores que enxergaram no XII a descoberta do indivíduo, da cultura urbana libertária e revolucionária, do romance e do saber universitário.[21] Nos parágrafos posteriores, algumas delas serão apresentadas de forma

[19] Infelizmente, até o presente momento, não há uma tradução de tal obra feita para a Língua Portuguesa, o que nos obrigou a consultá-la em edições em inglês (HASKINS, Charles Homer. *The renaissance of the twelfth century*. Cambridge/Massachusetts/Londres: Harvard University, 1955) e espanhol (HASKINS, Charles Homer. *El renacimiento del siglo XII*. Barcelona: Ático de los Libros, 2013).
[20] BOVO, Claudia Regina; DURAN, Maria Renata da Cruz. A fênix de mil faces: o renascimento na historiografia ocidental. *Anos 90*, v. 31, pp. 9-10, 2024; LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*: tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa: Estampa, 1993, pp. 19-22.
[21] ENGEN, John Van. The twelfth century: reading, reason, and revolt in a world of custom. In: ENGEN, John Van, NOBLE, Thomas F. X. (eds.). *European Transformations*: the long twelfth century. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2012, p. 17

sumária e com o estabelecimento de conexões entre as mesmas para que nossos possíveis leitores e nossas possíveis leitoras possam compreende-las em conjunto a partir dos argumentos que as fundamentaram e em diálogo com nossa proposta central. Seguimos então com um breve mapeamento dos que cerraram fileiras e decidiram marchar com Haskins e sua abordagem de nítidos laivos liberais e internalistas que dizem muito acerca do repertório intelectual que encontrou à disposição em seu tempo. Para ele, existia uma Geografia do renascimento e esta começava no norte do reino da França medieval com algumas conexões com a Itália.[22]

Em *The evolution of medieval thought*,[23] David Knowles trilhou o mesmo caminho analítico de Charles Homer Haskins ao ir dos primeiros antecedentes classicistas gregos a passar por Roma e a decadência do ensino na alta Idade Média para chegar até a retomada observada nos séculos XI e XII, uma retomada cuja grandeza foi iniciada pelos carolíngios cerca de duzentos anos antes. Pensada e escrita ainda em meados do século passado e originalmente publicada em 1962, a narrativa esquemática de cariz evolutivo de Knowles assegurou sem rodeios que o renascimento do século XII foi uma redescoberta que se tornou possível no momento em que a cultura ocidental olhou para dentro de si a enxergar o próprio passado. É inegável que tal assertiva diz muito acerca das proposições eurocentristas e nacionalistas sobre as quais escrevemos e que há tempos balizavam a produção historiográfica considerada de ponta no contexto de então. Isso sem mencionar a centralidade da Igreja destacada por Knowles, ele próprio um homem institucionalmente ligado ao clero.[24]

De maneira concomitante, a delimitação espacial proposta por Knowles em seu livro é algo digno de nota para o conjunto de nossa argumentação. Em sua ótica, que não foi muito além dos limites propostos por Haskins, em sua origem, o renascimento do século XII esteve confinado a regiões cobertas pelos modernos Estados da França e da Bélgica mais a Lombardia – esta uma espécie de distrito do norte da Itália. Em seguida, este se espalhou e foi absorvido pelo sul da Inglaterra, a Alemanha e a porção sul da península italiana. Logo depois, ele alcançou o norte da Espanha. Como consequência dessa evolução com um explícito caráter difusionista e com referenciais geográficos

[22] HASKINS, *op. cit.*, 1955, p. 24.
[23] KNOWLES, David. *The evolution of the medieval thought*. 2. ed. Londres/Nova York: Longman, 1988.
[24] FERGUSON, Wallace K. *The renaissance in historical thought*: five centuries of interpretation. New York: The Riverside Press Cambridge, 1948, p. 335.

previamente delimitados, a Europa ocidental educada formou uma grande unidade cultural – e com um centro irradiador de ideias definido: a França, destacadamente a sua região norte com suas escolas ligadas a catedrais urbanas que precederam as universidades que ganharam corpo no século seguinte. Em uma abordagem que entendemos como unidirecional desde a sua proposição inicial, Knowles também estabeleceu paralelos entre os gregos antigos e a escolástica medieval para confirmar esse olhar ensimesmado arraigado na cultura daquele período.[25] Contudo, ainda na concepção de Knowles, essas simples afirmações estão distantes de expressar a complexidade do processo que à época tomava lugar. Para ele, o pensamento grego que chegou à Europa ocidental não foi o resultado do fluxo de um único riacho, mas de um rio extenso e caudaloso que derivava da confluência de diversos outros a chegar um depois do outro com as águas contaminadas pelos solos pelos quais passaram.[26] Embora descrita com uma metáfora repleta de belas e imponentes palavras que até tentamos reproduzir ao sintetizar seu argumento, essa diversidade não foi destacada de forma equilibrada pelo autor em questão. Este acabou por se mostrar quase o tempo todo entregue a delimitações espaciais previamente definidas, outro ponto que sobremaneira o aproxima de Charles Homer Haskins. Por conseguinte, as razões da receptividade dada a essa diversidade é uma lacuna até hoje aberta no que Knowles escreveu e que ainda se faz presente em boa parte da historiografia que trabalhou com o renascimento do século XII a partir das mencionadas cartografias pré-definidas.

Lamentavelmente, sem a devida apreciação, a referida diversidade surgiu apenas como um ponto fora da curva na totalidade da narrativa de David Knowles em seu livro com suas mais de trezentas páginas na edição consultada. Como afirmaram Robert L. Benson e Giles Constable na Introdução de *Renaissance and renewal in the twelfth century*,[27] uma obra sobre a qual nos deteremos um pouco mais adiante, Charles Homer Haskins também havia tocado nessa questão, porém, ele o fez de leve, não a tencionou, não a explorou com o esmero que hoje entendemos como necessário, pois até mesmo para ele certamente foi difícil escapar da atração exercida pelo campo de força argumentativo criado por Jacob Burckhardt ainda em meados do século XIX. Ademais, não podemos

[25] KNOWLES, David. *The evolution of the medieval thought*. 2. ed. Londres/Nova York: Longman, 1988, p. 73 e pp. 75-76.
[26] KNOWLES, *op. cit.*, 1988, p. 307.
[27] BENSON, Robert L., CONSTABLE, Giles, e LANHAM, Carol D. *Renaissance and renewal in the twelfth Century*. Bufalo/Londres/Toronto: University of Toronto Press, 1991.

ignorar o fato de que há cem anos a força de uma história tradicional nacionalista e política ainda se fazia presente e se impunha diante de uma História crítica que apenas dava seus primeiros passos.

Para nós, em relação a este último ponto, o fato de Haskins e Knowles terem escrito os próprios livros em um contexto no qual as amarras colonialistas ainda estavam apertadas e o eurocentrismo e o nacionalismo como métodos de pesquisa seguiam a dar as cartas e definir normas e nomes de quem poderia entrar e jogar o jogo também ajuda a redimi-los, assim como redimem aqueles que com eles se afinaram a fazer um coro tantas vezes contente, endógeno, uníssono e unidirecional. Com palavras complementares e boa margem de segurança, podemos afirmar que, há cem anos ou mais, era bem mais difícil enxergar e se interessar por aquilo e por aqueles e aquelas que estavam além dos recortes espaciais consagrados nas operações historiográficas vigentes. Também não podemos perder de vista que as relações que se estabeleciam entre o local e o que era escrito estavam a compor e delimitar os estoques de narrativas e conhecimentos acumulados disponíveis a Haskins, Knowles e a tantos outros.[28] Portanto, pensar o renascimento do século XII a superar essas abordagens consagradas é ousar seguir em busca de espaços de interações com características multicivilizacionais e que gradativamente se mostraram presentes na percepção dos atores de então,[29] dentre eles, o próprio Adelardo de Bath que tanto nos ajuda a repensá-lo com outras possibilidades espaciais permitidas pela crescente mobilidade de estudantes observada no período em tela. Se até o século XI o monaquismo oferecia possibilidades de busca pelo conhecimento ancoradas em poucos lugares e tanto valorizava a estabilidade, o século XII viu essas possibilidades se multiplicarem a lançar as bases de uma mobilidade e um protagonismo discentes até então pouco comuns.

Dentre os que prosseguiram afinados com Haskins, também não podemos deixar de inserir Christopher Brooke, este um outro pesquisador inglês que há muito se debruçou sobre o tema "renascimento do século XII". A escrever em finais dos anos sessenta do século passado, Brooke foi sucinto quando comparado ao que David Knowles havia feito e nada acrescentou ao que Haskins propôs quatro décadas antes. Na verdade, em cada um dos seis capítulos que compõem o seu *The twelfth century renaissance*[30] publicado em

[28] GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 74.
[29] OSTERHAMMEL, Jürgen. Global history and historical sociology. In: BELICH, James, DARWIN, John, FRENZ, Margret e WICKHAM, Chris (eds.). *The prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press, 2016, pp. 36-37.
[30] BROOKE, Christopher. *O renascimento no século XII*. Lisboa: Verbo, 1972.

1969, Brooke mal olhou para o que se passou em períodos precedentes e ateve-se à França, Itália e Inglaterra em uma narrativa que teve Pedro Abelardo (1079-1142) com os seus dramas pessoais e o romance com Heloísa de Argenteuil (c.1090-1164) como pontos de partida. Personagens como João de Salisbury (1120-1180), Suger de Saint Denis (1081-1151) e Graciano de Bolonha (c.†1179), entre outros, exceto Adelardo de Bath, diga-se de passagem, adentraram o texto de Brooke apenas para confirmar a sua teoria principal: a de que o século XII foi um momento de grandes mudanças e rupturas e de retomadas criativas baseadas nas artes, no direito e na filosofia advindos da Antiguidade greco-romana. Ao dar um amplo destaque ao desenvolvimento urbano e arquitetônico e às ações quase heroicas de personagens específicos, Brooke prosseguiu com a construção de sua argumentação até terminar de maneira um tanto quanto óbvia no surgimento das primeiras universidades, sutilmente permitindo-se a atribuir ao século XII a preparação do terreno para a chegada de personagens mais desafiadores como Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Geoffrey Chaucer (c.1343-1400). Uma vez mais, nós nos deparamos com a evolução histórica de cariz teleológico que foi firme e forte para um determinado ponto pré-definido, como denunciou Chris Wickham.[31] Neste caso, assim como em tantos outros, o ponto para o qual Christopher Brooke desejou ir com o renascimento do século XII a tiracolo foi a modernidade.

Por sua vez, R. N. Swanson, da Universidade de Birminghan, também na Inglaterra, em outro livro mais recente também intitulado *The twelfth-century renaissance*,[32] dialogou com quase toda a historiografia produzida a partir de Charles Homer Haskins. Sem dar maior atenção ao que foi escrito ainda do século XIX a respeito deste renascimento, exceto pela menção aos escritos de Jacob Burckhardt, Swanson mapeou a trajetória deste conceito a entregar a este todo o primeiro capítulo do seu livro. Para ele, a ampliação da mobilidade dos indivíduos, a estabilidade política e o crescimento econômico e comercial ao lado de uma renovação do interesse pelo passado foram as razões para a existência de tal renascimento cujas origens remontavam a meados do século XI. Para além desses tópicos conhecidos e trabalhados, alguns outros chamaram nossa atenção em relação à narrativa conduzida por Swanson, são eles: a presença de mulheres nesse renascimento e os contatos com diferentes civilizações permitidas por

[31] WICKHAM, *op. cit.*, pp. 23 e 25.
[32] SWANSON, R. N. *The twelfth-century renaissance*. Manchester / New York: Manchester University Press, 1999.

uma grande expansão econômica e territorial. Embora ele tenha dedicado poucas páginas a essas questões e a essa referida expansão em específico, elas o diferenciam das publicações anteriores e indicam o quanto a percepção dos pesquisadores acerca do passado europeu estava a mudar já na virada para o novo milênio com novas histórias, problemas, abordagens e personagens vindo para o meio do palco a receber o brilho revigorado dos holofotes analíticos.

No novo contexto historiográfico que se estruturou a ganhar relevância na atualidade, Cédric Giraud,[33] autor que trazemos à luz junto com o não menos importante e aqui já citado Charles Burnett,[34] é um dos que propõem a importância de se pensar o renascimento do século XII a ter como referência uma renovada Geografia, pois este não foi consequência de um movimento previamente orientado e coordenado que partiu de um centro único que se pôs como uma espécie de marco zero composto por pessoas igualmente únicas, mas uma obra que derivou das ações deliberadas de um grande número de personagens que se movimentaram de um lugar ao outro em busca de conhecimentos a formar redes e conexões que se mostraram cada vez mais densas e extensas a indicar que então se constituía uma renovada percepção de mundo, percepção que não se resumia ao local ou que indicava a antecipação de algo. E foram estes mesmos personagens que em momentos oportunos e por interesses diversos evidenciaram e celebraram as próprias experiências como uma forma de utiliza-las como símbolos de afirmação profissional e intelectual. Uma necessidade que foi superada apenas quando a licença para ensinar em todos os lugares[35] e a institucionalização universitária definitivamente se impuseram a rearranjar as urgências, representações e anseios da vida acadêmica que assumiu contornos inéditos no decorrer do século XIII.[36]

---

[33] GIRAUD, Cédric. La naissance des intellectuels au XIIe siècle. *Annuaire-Bulletin de la Société de l'histoire de France*, pp. 23-37, 2010.

[34] BURNETT, Charles. The twelfth-century renaissance. Artigo disponível na *Internet* em < https://www.academia.edu/40269603/THE_TWELFTH_CENTURY_RENAISSANCE>. Acesso em 26 de junho de 2020.

[35] Foi no ano de 1179 que o papa Alexandre III (pontificado 1159-1181) consagrou a *licentia ubiqui docendi* em um dos cânones do III Concílio de Latrão. Da maneira como foi então proposta, essa autorização para ensinar era livre de qualquer tipo de imposto ou cobrança. O resultado mais imediato dessa decisão foi que ninguém mais poderia publicamente ensinar sem uma autorização explícita de uma autoridade eclesiástica devidamente reconhecida. Embora essa determinação não tenha sido seguida à risca já em seus primeiros momentos, ela determinou uma referência e ser seguida e pavimentou o caminho rumo a relações mais institucionalizadas e menos pessoais.

[36] WEI, Ian. From twelfth-century schools to thirteenth-century universities: the disappearance of biographical and autobiographical representations of scholars. *Speculum*, v. 86, p. 42-78, 2011 e WEI, Ian P. *Intellectual culture in medieval Paris*: theologians and the university, c. 1100-1330. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, especialmente o capítulo 1.

De forma complementar, confiamos que a busca por novas concepções de espaço a explorar as interações humanas em novos cenários geográficos que a nós ora se apresentam e que não correspondem ao nacional, continental ou outras fronteiras definidas na contemporaneidade é um desafio que hoje desponta como inescapável para os que desejam recontar as histórias desse e de outros renascimentos em outros termos e a partir de outros ângulos de observação.[37] Neste sentido, como estamos a propor nestas páginas, nada melhor do que fazer isso a seguir os processos históricos evidenciados pela movimentação das pessoas com suas mercadorias e também com suas ideias, desejos e ambições, como foi o caso de Adelardo de Bath, nosso personagem. Com ele, encontramos alguns dos fios que então ajudaram a compor essa rede de contatos e trocas de conhecimentos cuja existência indica a necessidade de uma abordagem histórica capaz de buscar as simultaneidades para a melhor compreensão de processos que sem dúvida foram amplos e multifacetados como foi o caso do renascimento do século XII.

Uma vez feito nosso posicionamento diante da historiografia sobre este renascimento e definidas as premissas das quais partimos, voltemos a Adelardo de Bath e às suas viagens a partir dos testemunhos por ele deixados. Adelardo não foi o primeiro a buscar conhecimentos em regiões distantes e em contextos culturais e sociais que não eram os seus. E ele também não foi o primeiro a usar traduções ou produzir as próprias a ter como base originais não latinos. Personagens como Gerberto de Aurillac (†1003)[38] e outros que foram ou serão citados já haviam feito ou estavam a fazer esse intermédio entre a ciência dos árabes e aquilo que se produzia nas escolas do mundo latino cristão ocidental. O mesmo também pode ser dito sobre Constantino, o Africano (1020-1087), personagem que décadas antes de Adelardo fez um caminho inverso e cruzou o Mediterrâneo rumo a Itália a se estabelecer em Monte Cassino.[39] Há outros exemplos que poderíamos utilizar e que evidenciam que tal percepção de mundo não era própria apenas dos cristãos, mas acreditamos que esses servem para demonstrar que tudo isso certamente impactou o olhar de outros mestres e discípulos que fizeram carreira nas décadas seguintes a apontar os caminhos da terra estrangeira, ou a terra dos outros, como disse

[37] OLSTEIN, Diego. *Pensar la historia globalmente*. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 2019; SACHSENMEIER, Dominic. *Global perspectives on global history*: theories and approaches in a connected world. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
[38] Futuro papa Silvestre III cujo pontificado foi de 999 a 1003.
[39] GLAZE, Florence Eliza. Introduction. In: KWAKKEL, Erick, NEWTON, Francis (eds.). *Medicine at Monte Cassino.* Turnholt: Brepols, 2019, pp. 02-07.

Hugo de São Vítor (1096-1141) no *Didascalicon*, como um lugar no qual os conhecimentos poderiam ser encontrados, com outros mestres, em outros livros, em novas experiências.

III. Adelardo de Bath entre o mesmo e o diverso.

> Mas visto que essas damas [as sete artes liberais] que louvo não são facilmente encontradas todas juntas entre as mesmas pessoas, será válido aderir a doutos de diversos povos. Mande para a memória o que encontrar de mais elegantemente expresso entre cada um deles. Pois aquilo que os estudos galeses ignoram, aqueles do outro lado dos Alpes irão desatar; o que não aprender entre os latinos, gregos eloquentes ensinarão a você.[40]
>
> Caríssimo sobrinho, agora que suficientemente expliquei a causa de minha sinuosa jornada por doutos em diferentes regiões, posso retirar de meus ombros o fardo de sua injusta acusação e despertar em você a paixão pelos mesmos estudos. Portanto, enquanto os outros exibem as próprias riquezas de múltiplas formas, nós simplesmente estabelecemos o conhecimento.[41]

Depois de anos a passar por diferentes lugares em busca de conhecimentos, sobretudo daqueles ligados às artes do *Quadrivium*, Adelardo de Bath retornou para sua terra natal, a Inglaterra. Ao reencontrar os seus, ele ensinou e continuou a escrever. Não há registros de sua inserção em alguma corte ou algo do gênero. Assim, nas entranhas do disputado mercado de mestres e discípulos até então pouco regulamentado e marcado por variadas relações políticas e disputas pessoais como foi o que existiu entre fins do século XI e início do XII,[42] Adelardo sentiu a necessidade de se estabelecer e ofereceu suas memórias e experiências de vida em terras estrangeiras como moedas de troca. Mas antes disso, ele precisou convencer o seu já mencionado sobrinho acerca da importância dos estudos dos árabes. O tom mais conciliador da segunda citação acima sugere que a tensão disposta nos fragmentos de *Questiones naturales* que abriram esse artigo diminuíram à medida que Adelardo expôs os fundamentos principais de seus argumentos.

Em seu desejo por convencimento, Adelardo partiu para outro ponto: a defesa de que a aprendizagem passava pelo contato com diferentes mestres em diferentes lugares, algo que confiamos ser um dos seus principais ensinamentos. Assim, o conselho oferecido ao antes desconfiado sobrinho nos faz enxergar a crescente importância que então era dada às viagens em busca de conhecimento, onde quer que e com quem ele estivesse, algo

[40] ADELARDO DE BATH, *De eodem et diverso*, pp. 69 e 71.
[41] Idem, p. 73.
[42] BOSCH, *op. cit.*, 2021.

há muito comum no islã e que começava a ser tornar corrente entre os cristãos. Por conseguinte, com Adelardo e sua ampla percepção de mundo e com outros que já foram citados, nós nos deparamos com viagens realizadas não apenas por motivos econômicos, mas também por razões intelectuais. Neste sentido, à luz das proposições de Patrick Manning e Abigail Owen,[43] trazemos à baila a importância de se pensar nas trocas de conhecimentos e não apenas nas de caráter comercial como resultado das viagens que ajudaram a conectar regiões diversas do amplo mundo afroeuroasiático de então. Nesse sentido, ainda de acordo com Manning e Owen, o interesse das pesquisas – a incluir esta – passa a ser toda a gama de comportamentos sociais, políticos e culturais enredados com a produção, o movimento e a mobilidade das pessoas envolvidas direta ou indiretamente nestes movimentos. Algo que também poderia se expressar materialmente como em traduções e livros transportados por diferentes mãos a ir de um lugar a outro onde passavam a despertar o interesse de novos leitores que absorviam e ampliavam seus conteúdos.

Como escrito no parágrafo anterior, o valor atribuído por Adelardo às viagens em busca de conhecimentos e contatos com diferentes mestres também sugere uma influência islâmica em seu repertório de vivências. No islã, as viagens eram valorizadas e incentivadas pela própria religião que tinha como um dos seus pilares a peregrinação à Meca, o que exigia dos peregrinos e de seus guias conhecimentos geográficos, cartográficos e astronômicos.[44] Também no islã, as viagens para encontrar variados mestres em lugares igualmente variados e com eles aprender eram uma maneira de um antigo discípulo se transformar em um novo mestre.[45] Ademais, não podemos perder de vista o fato de que esta religião em questão foi fundada por um comerciante, o profeta Mohammed (c.570-632), um homem que seguramente compreendia a importância do viajar e o quanto se poderia aprender com tal prática.[46]

[43] MANNING, Patrick, OWEN, Abigail (eds.). *Knowledge in translation*: global patterns of scientific Exchange, 1000-1800 CE. Pittsburgh: University of Pittsbrugh, 2018, p. xiii.
[44] Lyons, *op. cit.*, 2011, p. 74-76 e 90-91; DAVIS-SECORD, Sarah, KEENE, Bryan C., KLIMEK, Kimberly, TROYER, Pamela. *Global medieval contexts 500-1500*: connections and comparisons. London: New York Routledge, 2021, p. 92.
[45] LYNCH, Sarah B., TIZZONI, Mark Lewis. Teachers and teaching. In: CRUZ, Jo Ann Moran (ed.). *A cultural history of education in the medieval age*. London, New Delhi, New York, Oxford, Sidney: Bloomsbury Academy, 2020 (volume 2), p. 128.
[46] BERNSTEIN, William J. *Uma troca esplêndida*: como o comércio mudou o mundo. Rio de Janeiro: Alta Cult, 2023, p. 75.

Ainda em relação aos extratos anteriores, consideramos que outra camada analítica pode ser extraída e observada. Esta se refere à alteridade. Não estamos a nos referir à alteridade que de forma corriqueira – e sem dúvida necessária – busca estabelecer as diferenças entre nós e o medievo ou deste com outras épocas, mas aquela que existiu entre os próprios medievais que estavam longe de formar uma "sociedade" (ou uma "civilização") que possa ser descrita por adjetivos e práticas essencialistas.[47] Neste sentido, as palavras e experiências de Adelardo soam como indicativo da existência dessas diferenças que confiamos apontar para a diversidade cultural do período histórico trabalhado, uma diversidade com a qual era possível aprender, melhor, uma diversidade com a qual era necessário aprender. Ademais, a diversidade linguística que Adelardo encontrou pelo caminho e que certamente precisou absorver ao menos em parte para alcançar o oriente e fazer seus estudos e traduções também nos ajuda a confirmar a existência dessa diversidade. Diversidade infelizmente soterrada pelo acúmulo de camadas de metodologias e discursos nacionalistas que se fez no curso dos dois últimos séculos, período no qual a Europa passou a olhar para dentro de si e para os seus.[48]

Pelos indícios encontrados nas fontes, sabemos que a primeira viagem de Adelardo de Bath foi para o norte do reino da França onde ele atuou na escola da catedral de Laon. Sabemos também que Adelardo passou por Tours, outra cidade da França onde existia uma escola importante, mas não nos é possível fazer afirmações detalhadas a respeito de sua atuação por lá em função da inexistência de outras informações vindas dele próprio ou de outras fontes. O mesmo pode ser dito a respeito do tempo que ele passou nesses lugares: se foram anos ou uma década inteira, é impossível dizer. Neste ponto, o que nos interessa é saber que entre o final do século XI e início do XII, os fluxos de mestres e discípulos entre os dois lados do Canal da Mancha eram uma realidade. A maioria dos jovens estudantes que fizeram tal travessia conseguiu se estabelecer nas escolas urbanas que então emergiam no noroeste do território francês, com destaque para as que se encontravam em Chartres, Paris e nas mencionadas Laon e Tours. E é neste contexto que podemos situar personagens de origem inglesa como João de Salisbury, Tomás Becket (1128-1170), Roberto de Ketton (c.1110-c.1160) e o próprio Adelardo que

[47] BULL, Marcus. *Thinking medieval*: na introduction to the study of the Middle Ages. New York: Palgrave MacMillan, 2005, especialmente o capítulo 2.
[48] KAUFMAN, Amy S., STURTEVANT, Paul B. *The devil's historians*: how modern extremists abuse the medieval pasts. Buffalo/Londres/Toronto: University of Toronto Press, 2020, p. 51.

os precedeu em tais andanças em alguns anos. Vários destes também exerceram cargos importantes em cortes reais e episcopais ao longo de suas vidas nos dois lados do canal em função de seus talentos pessoais, mas também em decorrência de suas trajetórias acadêmicas e dos laços políticos que estabeleceram por si ou pela força de suas famílias ou outros relacionamentos, ainda que alguns não tenham sido duradouros.

Para além dessas questões, o fato é que Adelardo demonstrou insatisfação com os conhecimentos acessados nas escolas das catedrais francesas que em um primeiro momento o atraíram. Associado à essa insatisfação, podemos vislumbrar a hipótese plausível de que ele tinha informações de que poderia encontrar algo mais atraente em outros lugares e mestres além do norte francês. Jacques Le Goff[49] narrou algo semelhante ao trazer para o cerne de sua argumentação as críticas de um estudante inglês às escolas de Paris e ao que lá encontrou em meados do XII. Daniel de Morley (1140-1210) foi o jovem citado por Le Goff. Algumas décadas depois das viagens de Adelardo, Daniel partiu para a Espanha na esperança de encontrar algo mais sofisticado em termos intelectuais. A mobilidade discente com a qual aqui trabalhamos foi levemente tocada nesta pequena passagem do livro de Le Goff, *Os intelectuais da Idade Média*, porém, esta não foi a tônica de sua narrativa que está perto de completar setenta anos de existência. Na verdade, como de costume, a narrativa legoffiana permaneceu atrelada aos limites de uma busca por rupturas a ter na contenda entre Pedro Abelardo e Bernardo de Claraval (1090-1153) o ponto definidor de sua proposição em prol de um século XII liberal e revolucionário a tomar como pilar central a ação de jovens "intelectuais orgânicos" na acepção gramsciana a atuar nos ambientes urbanos em crescimento.

Ao se colocar em posição oposta à de Jacques Le Goff que trazia em si muito das tradições historiográficas que vinham desde Jacob Burckhardt a passar por Charles Homer Haskins e todos aqueles seguiram seu receituário analítico, Mia Münster-Swendsen[50] jogou luz sobre essas histórias ao propor a necessidade de se compreender as mudanças que então se consolidavam nas relações entre mestres e discípulos a partir de uma outra perspectiva a demonstrar que estes passaram a ter mais opções com o estabelecimento de uma nova mobilidade que lhes permitia estudar em diferentes lugares

[49] LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp. 28-29.
[50] MÜNSTER-SWENDSEN, Mia. Medieval "virtuosity": classroom practice and the transfer of the charismatic power in medieval scholarly culture c. 1000-1230. In: BRUUN, Mette B., GLASER, Stephanie (eds.). *Negotiating heritage*: memories of the Middle Ages. Turnhout: Brepols, 2008, pp. 43-63.

com diferentes mestres, algo que se tornava ainda mais regular em seus anos iniciais de formação. E foi justamente essa crescente mobilidade proposta por Münster-Swendsen e com a qual trabalhamos associada a redes políticas e sociais construídas pelos normandos entre fins do século XI e início do XII que fez com que Adelardo pudesse viajar com alguma segurança e precisão da Inglaterra para a França, depois para a Itália e, finalmente, para o oriente de onde retornou com diversos conhecimentos. Essa segurança prévia e os enredamentos existentes entre diferentes regiões certamente deram a ele alguma certeza a respeito do que poderia encontrar ao final de suas empreitadas. Portanto, a ter as interpretações de Mia Münster-Swendsen e as reflexões de John Cotts[51] como motes de pesquisa, mais do que o questionamento de envelhecidas relações de força a prenunciar a modernidade, enxergamos nestas histórias o surgimento de novas possibilidades de estudo e de formação que devem ser lidas à luz daquele contexto e não como o anúncio de algo novo a despontar no horizonte a trazer nas mãos as boas novas sobre a derruba de um antigo regime monástico feudal a abrir caminho para um aguardado renascimento, uma esperada reforma ou algo do tipo. Os que assim pensaram já deram a sua contribuição. Hoje, podemos mais.

Boa parte do conhecimento em língua árabe existente à época de Adelardo não era acessado ou conhecido pela Europa que falava latim ou grego, exceto em regiões como a Andaluzia, as grandes cidades mercantis italianas e a Sicília que nosso personagem conheceu de perto.[52] É importante destacar que, sobretudo entre os séculos XI e XII, a Sicília ocupava posição estratégica no cruzamento de rotas comerciais mediterrânicas e estas lhe proporcionavam benefícios econômicos, sociais e culturais advindos dos seus contatos diretos com bizantinos, árabes e os referidos normandos, algo que se manteve estável por vários séculos e ajudou a pavimentar e consolidar as redes de contato sobre as quais aqui já escrevemos.[53] Com efeito, tal estado de coisas fez com que para muitos a ida para essas regiões em busca de conhecimentos se transformasse em uma verdadeira obrigação que trazia incutida a necessidade de adentrar em universos linguísticos muitas vezes novos. E uma das questões de fundo que novamente volta a se

[51] COTTS, John D. *The clerical dilema*: Peter of Blois and literate culture in the twelfth century. Washington: The Catholic University of America Press, 2009, especialmente o Epílogo.
[52] WICKHAM, *op. cit.*, 2019, p. 97.
[53] BETHENCOURT, Francisco. *Racismos*: das cruzadas ao século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 2018, p. 49; DAVIS-SECORD, Sarah. *Migration in the medieval Mediterranean*. Leeds: Arc Humanities Press, 2021, p. 20.

colocar é sobre o quanto as sociedades medievais eram culturalmente diversas, com destaque para regiões fronteiriças como era a Sicília. Neste sentido, Adelardo seguramente precisou aprender ao menos o básico de algumas línguas além do latim para poder traduzi-las e também acessar os lugares onde eram usadas. O árabe certamente estava entre elas. Como evidenciado, a diversidade há poucas linhas mencionada foi gradativamente apagada em prol de nacionalismos unificadores e excludentes impostos ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX.[54]

De maneira complementar, mas igualmente fundamental para o que propomos, a abordagem global e multidirecional que nos orienta e conecta as argumentações dispostas neste artigo nos alerta para o fato de que a difusão das ideias e saberes presentes no medievo não simplesmente fluiu do oeste para o leste, ou do norte para o sul como outrora tanto se propôs – ou mesmo se impôs – nas operações e nos debates historiográficos que nos trouxeram até aqui e que se recusavam a "[...] afastar-se de uma lógica em que só se analisa o resultado final ou o caminho final percorrido".[55] Europeus cristãos como Adelardo e outros tantos como ele são testemunhos disso: testemunhos que consumiram as ideias de outros povos e culturas e acessaram direta ou indiretamente alguns dos centros para recepção, reprodução e transmissão de ideias e saberes que há tempos haviam brotado e se estabelecido em cidades da Ásia e da África a atrair gente de todo tipo e com interesses de todo tipo.[56] E não podemos perder de vista o fato de que tudo isso aconteceu sem a necessidade da existência de uma custódia europeia prévia.

Uma possível passagem de Adelardo pela Península Ibérica antes ou depois de ter rumado para a Itália e o Oriente é um tema presente nos debates promovidos por aqueles que se debruçam sobre sua história. Para Aisha Al-Owais,[57] essa é uma hipótese plausível, pois Adelardo tinha conhecimento acerca de traduções que circularam em algumas regiões da Espanha medieval e ele se serviu de algumas delas. Embora atraente à primeira vista, a conjectura a respeito de uma viagem para tal região aventada por Al-Owais é pouco consistente em termos documentais, pois o próprio Adelardo não deu indícios

[54] QUEIROZ, Guilherme. *Ramon Llull e a Idade Média global*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2025, pp. 84-85.
[55] SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História*, 2020, n. 179, p. 12.
[56] DARWIN, John. Afterword: history on a global scale. In: BELISH, James, DARWIN, John, FRENZ, Margret & WICKHAM, Chris (eds.). *The prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 183.
[57] AL-OWAIS, Aisha. Adelard of Bath: original works and translations. *Al-Adab Journal*, n. 139, pp. 33-52, 2021.

sobre a mesma ou a intenção de fazê-la. Ainda que encontre algum lastro na historiografia, tal conjectura perde ainda mais força quando levamos em consideração o fato de que Adelardo costumava evocar os lugares de ciência que frequentou, ainda que o fizesse com poucas palavras. Além disso, os autores de língua ou escrita árabe que ele traduziu eram oriundos da Pérsia ou da Mesopotâmia e fizeram suas respectivas carreiras longe do território espanhol.[58]

Da mesma forma, à procura de uma explicação minimamente plausível, não podemos excluir a possibilidade de que os conhecimentos astronômicos adquiridos por Adelardo e dispostos em, por exemplo, *Questiones naturales*, podem sim ter vindo de regiões da Andaluzia como Toledo. Ainda que por caminhos diversos, sabemos que o longevo movimento toledano de traduções e de tradutores o alcançou e que as origens deste podem ser traçadas a partir das atividades artísticas e intelectuais desenvolvidas no sul da Itália e no norte da própria Espanha, algo que se dava desde o fim do século XI e começo do XII. Ao seguir diferentes referências linguísticas e com elas desenvolver os seus trabalhos, esses tradutores acabaram por compartilhar interesses comuns por escritos de natureza filosófico-científica, especialmente os que se debruçavam sobre temáticas com conteúdo astronômico, assunto que também chamou a atenção de Adelardo desde o início do seu périplo por terras estrangeiras. As atividades desses primeiros tradutores também estiveram diretamente conectadas aos principais ambientes científicos daquele tempo, com destaque para Salerno e Chartres, locais onde muitos textos em árabe foram traduzidos, mas sobretudo lidos e debatidos.[59]

Ainda a respeito deste tópico, também levamos em consideração os ingleses que estiveram em terras espanholas antes de Adelardo ou mesmo em seu tempo ou um pouco depois. Dentre estes, destacamos os aludidos Roberto de Ketton, um dos primeiros tradutores do Corão para o latim, e Daniel de Morley, outro filósofo e tradutor.[60] Ademais, o interesse pelo que era encontrado nessas regiões já há algum tempo não era uma novidade e se manteve nas décadas subsequentes, pois outros personagens como

[58] HANNE, Olivier. *Adélard de Bath*: um passeur cultural dans la Méditerranée des croisades. Turnhout: Brepols, 2023, p. 80.
[59] POLLONI, Nicola. The toledan translation movement and Dominicus Gundissalinus: some remarks on his activity and presence in Castile. In: BEALE-RIVAYA, Yasmine & BUSIC, Jason (eds.). *A companion to medieval Toledo*: reconsidering the canons. Boston/Leiden: Brill, 2018, p. 263.
[60] HANNE, *op. cit.*, p. 81; KINOSHITA, Sharon. Negotiating the corrupt sea: literature in and of the medieval Medieterranean. In: CATLOS, Brian, KINOSHITA, Sharon (eds.). *Can we talk Medeterranean?* Conversations on an emerging field in Medieval and Early Modern Studies. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 34.

Domingo Gundisalvo (1115-1190) e Gerardo de Cremona (1114-1187) encomendaram ou realizaram traduções de escritos do árabe para o latim e os fizeram alcançar outras regiões. Assim, não ignoramos a possibilidade de que Adelardo tenha se beneficiado dessas redes de clérigos e intelectuais estabelecidas e que há décadas proporcionavam trocas e traduções de livros e manuscritos entre reinos das Penínsulas Ibérica e Itálica e o restante da Europa cristã desde pelo menos fins do século XI. Ou seja, a importância da presença física ou não de Adelardo em terras a oeste dos Pirineus torna-se secundária diante da certeza de que ele foi de alguma forma tocado pelo que lá era feito e pelos enredamentos de bens materiais e imateriais que se formaram a conectar regiões entre o norte da Espanha e o sul da Itália e até mesmo o norte da França e o sul da Inglaterra.

A partir das evidências disponíveis, ainda que estas sejam fragmentadas, e do que asseveraram os pesquisadores com os quais dialogamos, Charles Burnett[61] assumiu uma posição mais categórica ao afirmar que os manuscritos que Adelardo um dia trabalhou em suas traduções ou com os quais teve algum contato em sua jornada não vieram da Síria ou de alguma outra região do Oriente, mas da Península Ibérica. Para Burnett, mais que a confirmação de uma viagem específica, essas evidências ajudam a reforçar o contato de Adelardo com redes de caráter nobiliárquico, intelectual e clerical previamente existentes ou que estavam a se formar em sua época e que se mostraram propícias às trocas de livros e manuscritos, além de outros bens, que há tempos eram incentivadas na região, embora ainda permaneça a dúvida acerca de sua presença em carne e osso em tal região em algum momento de sua vida. Diante do quadro historiográfico que foi exposto e em função da inexistência de uma referência definitiva oferecida pela documentação trabalhada, acreditamos que este tema será para sempre um nó investigativo impossível de ser desatado, mas também algo que consideramos menor diante de todo o périplo de Adelardo e das aludidas redes e conexões que ele costurou ou ajudou a costurar em sua longuíssima jornada pelo conhecimento a envolver regiões, pessoas e saberes distantes entre si, da Inglaterra ao Oriente Médio. Desta maneira, a possibilidade de um acesso ainda que apenas indireto a tais fontes é também revelador de outros níveis e de referências de mobilidade que envolveram outras pessoas, algo que nos parece mais plausível e atraente em termos analíticos. Seguiremos com ela.

[61] BURNETT, *op. cit.*, 2009.

Se a presença de Adelardo na Espanha de fins do século XI e início do XII é objeto de controvérsias que provavelmente nunca deixarão de existir, sabemos que ele esteve na Itália, mais especificamente em Salerno, uma cidade ativamente envolvida no comércio com o mundo muçulmano, e na Sicília, uma ilha situada ao sul da península italiana a ocupar uma região central e estratégica no contexto do Mar Mediterrâneo.[62] Dedicado a Guilherme I da Sicília (1131-1166), *De eodem et diverso* traz uma passagem de poucas linhas, mas que é bem explícita a este respeito: "[...] esse foi o caso para mim, quando, vindo de Salerno, eu testei as minhas opiniões com um certo filósofo grego na Magna Grécia que, mais do que qualquer coisa, podia conversar a respeito da arte da medicina e a natureza das coisas".[63]

Superadas as dificuldades de uma viagem que certamente foi longa e cansativa, embora fascinante para seus objetivos pessoais, Adelardo de Bath finalmente pôs os pés na região sul da Itália, também conhecida como Magna Grécia. Foram anos de uma estadia que lhe permitiu contatar referências culturais gregas, árabes e bizantinas. Naquele tempo, ao norte de Salerno, a abadia de Monte Cassino tornou-se conhecida por ser uma das guardiãs deste legado em função dos manuscritos lá preservados além de ser a defensora da tradição de estudos de escritos gregos como o *Órganon* de Aristóteles (384-322 a.C). Por sua vez, no final do século XI, como um dos maiores principados da Itália, ao lado de Monte Cassino, Salerno e região formavam um polo de atração de jovens estudantes interessados em direito e, sobretudo, medicina. A medicina praticada em Salerno era reconhecida e respeitada tanto na França quanto na Inglaterra, reinos onde os ensinamentos médicos de origem salernitana chegaram e se desenvolveram ao longo dos séculos XII e XIII. E isto se deu a impactar os escritos de, por exemplo, Guilherme de Conches (c.1080-c.1154) e Teodorico de Chartres (1100-1150), como tem provado a localização de certos manuscritos e, sobretudo, os numerosos percursos individuais de importantes personagens daquele período, dentre eles, o próprio Adelardo.[64]

Charles Burnett,[65] que novamente trazemos para o centro do debate, analisou a passagem de *De eodem et diverso* acima transcrita a propor que o conhecimento científico que Adelardo de Bath afirmou ter experimentado no sul da Itália e na Sicília no começo

[62] DAVIS-SECORD, *op. cit.*, 2021, pp. 10 e 39.
[63] ADELARDO DE BATH, *De eodem et diverso*, p. 71.
[64] BURNETT, *op. cit.*, 2009, p. 129.
[65] *Idem*, p. 113.

do século XII foi alimentado por novas traduções do grego e do árabe feitas por Alfano I de Salerno (†1085) e Constantino, o Africano e alguns outros de seus possíveis colegas e contemporâneos que frequentaram os mesmos ambientes intelectuais que ele frequentou a solidificar as suas trajetórias intelectuais. Assim, sem tentar dizer quem foi "o certo filósofo grego" mencionado por Adelardo, Burnett focou uma vez mais nas referidas redes acessadas por ele para demonstrar as muitas camadas de saberes, experiências e tradições que estão dispostas nas linhas do que ele deixou escrito e nos locais pelos quais passou.

Com a chegada dos normandos a partir das décadas finais do século XI, o sul da península italiana foi atravessado por uma rede de núcleos urbanos que ajudou a povoar uma parte significativa da região.[66] Ainda que os variados contatos políticos e diplomáticos entre a Inglaterra e a Sicília tenham diminuído consideravelmente de meados da segunda metade do século XII em diante, havia outros de natureza diversa que se mantiveram com alguma constância nas décadas subsequentes,[67] sobretudo os intelectuais. Isso pode ser observado em um extrato de um dos livros do *Metalogicon* (c.1159) de João de Salisbury, outro inglês que sabemos também ter viajado em busca de conhecimentos e que deixou um testemunho interessante com o qual passaremos a trabalhar.

> Ao perceber sua formação filosófica inadequada, outros partiram para Salerno e Montpellier onde se tornaram estudantes de medicina. Então, de repente, em um piscar de olhos, tornaram-se filósofos. Munidos de regras empíricas falaciosas, retornam após um breve intervalo para praticar com diligência o que aprenderam. Ostensivamente, citam Hipócrates e Galeno, pronunciam palavras misteriosas e têm aforismos prontos para aplicar a todos os casos.[68]

Anos depois da viagem de Adelardo de Bath para a Itália, João posicionou-se de forma crítica diante do grande número de jovens que partiam para as escolas de estudos de medicina em Montpelier, na França, e justamente na referida Salerno. É nítido o costumeiro tom crítico que serviu de moldura para as afirmações de João nas páginas iniciais do seu *Metalogicon*, mas este não foi capaz de esconder o fato de que o

[66] GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval* – séculos XII-XIV. Belo Horizonte/Campinas: Unicamp/UFMG, 2011, pp. 214-213.
[67] LOUD, G. A. The Kingdom of Sicily and the Kingdom of England, 1066-1266. *History*, v. 88, n. 4, p. 557, 2003.
[68] JOÃO DE SALISBURY, *Metalogicon*, Livro I, cap. 4, p. 17-18 (Edição consultada: JOHN OF SALISBURY. *The Metalogicon of John of Salisbury*: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the Trivium. Berkely / Los Angeles: University of California, 1971).

movimento anterior de Adelardo certamente não foi único e se ampliou com os anos. A despeito das ressalvas de João de Salisbury, este fluxo de estudantes que cortou a Europa medieval de norte a sul e de oeste a leste trouxe uma série de contribuições que impactaram as escolas francesas e inglesas que passaram a operar muito inspiradas nos conhecimentos médicos e astronômicos oriundos da península Itálica e mesmo além.

Depois de passar por Salerno e pela Sicília, Adelardo foi para o oriente no rumo da I Cruzada (1095-1099),[69] algo expresso em duas passagens de *De eodem et diverso*[70] em um outro diálogo com o seu outrora desconfiado sobrinho e que aqui transcrevemos: "Não estou com medo de que não tenha engenho para resolver o que postulas. Talvez, as muitas leituras que ouvi embotaram minha memória. Então, ouvi um velho em Tarso na Cilícia discutir sobre este tópico e muitos outros. Todavia, eu devo repetir o que ele disse tão brevemente quanto puder" e "[...] quando estava a transpor a ponte da cidade de Mamistra na região de Antioquia, a mesma ponte simultaneamente com toda a região se moveu com um terremoto, tanto que dificilmente estaria mais seguro na terra do que na água".

Estabelecida no principado de Antioquia que também englobava a Cilícia, a antiga cidade de Mamistra citada por Abelardo é parte da atual Yakapinar, situada na região central da Turquia. De acordo com Charles Burnett,[71] a passagem de Adelardo por lá ocorreu em 1114, uma datação considerada precisa em função de um terremoto lá ocorrido citado na fonte a comprovado por estudos geológicos posteriores.[72] Adelardo permaneceu em Mamistra e também em Tarso enquanto a região já vivia sob forte pressão dos turcos e bizantinos desde a primeira grande derrota dos cruzados na batalha de Harã em 1104, algo que pôs em perigo as outras conquistas territoriais por eles alcançadas nos anos anteriores. A despeito do que acontecia nos campos de batalha nas proximidades nos combates dos cruzados contra os "infiéis", não ignoramos o fato de que provavelmente Adelardo de Bath encontrou no principado de Antioquia e em outras partes da região as redes de amizade entre normandos que lhe auxiliaram em anos anteriores tanto na França

[69] SMALL, Andrew & Emily A. WINKLER. Introduction: the normans and conquest in the Mediterranean. In: FITZGERALD, Liam & WINKLER, Emily A. (eds.). *The normans in the Mediterranean*. Turnhout: Brepols, 2021, p. 12.
[70] ADELARDO DE BATH, *De eodem et diverso*, pp. 123 e 185.
[71] BURNETT, *op. cit.*, 2009, p. 3.
[72] WEBB, Simon. *The life and times of Adelardo of Bath*: twelfth century renaissance man. Durham: TLP, 2019, p. 7-8.

quanto na Itália.[73] Também nessas mesmas paragens, ele muito provavelmente acessou comunidades com diferentes tradições culturais como gregos, judeus, armênios e turcos assim como havia feito na Itália. Estas certamente lhe permitiram alcançar os conhecimentos matemáticos, médicos e astronômicos que tanto o fascinavam e que possuíam procedências muito diversas que iam para muito além dos lugares onde ele esteve.

Por fim, essa diversidade regional presente no périplo de Adelardo de Bath pelo oriente também está expressa nas origens da maioria dos autores dos estudos que ele leu, citou e traduziu: origens estas que iam de Damasco, Bagdá e Harã até outras regiões que fizeram parte da antiga Pérsia. Dentre estes autores, de acordo com a tradução e introdução de Charles Burnett para *De eoden et diverso* e *Questiones naturales*,[74] estão Ishaq bin Hunayn (c.808-883), Ahmad bin Yusuf al-Masri (c.835-912), Al-Hajjaj bin Yusuf bin Matar (c.786-833), Abu Ma'sar (c.787-886), Thabit bin Qurra (826-901).[75] Sem sombra de dúvida, um leque intelectual amplo e diverso de personagens cujas ascendências e trajetórias reforçam nossa percepção acerca das redes de pessoas e saberes encontradas por Adelardo e tão valorizadas em seus ensinamentos que incentivaram a busca pelo conhecimento onde e com quem ele estivesse.

Considerações Finais.

Chegamos a esta etapa conclusiva com a certeza de que o renascimento do século XII é um conceito estruturante nos estudos medievais, mas isso não quer dizer que ele não possa ser criticado. Isso pode e deve ser feito em diálogo com as fontes disponíveis e com os argumentos apresentados pela historiografia que se renova a cada ano. É fundamental que isso aconteça. Contudo, isso deve acontecer sem perder de vista algo igualmente fundamental: o entendimento do que de fato era novo naquele momento. Pelo que foi evidenciado, este novo estava na mobilidade dos estudantes em busca de conhecimentos sem a tutela de um único mestre ancorado em um único lugar e também em uma percepção de mundo ampla e diversa que não mais deve continuar a se vergar sob o peso das antigas metodologias nacionalistas. Tomados em conjunto, esses processos renovados de mobilidade e percepção ajudaram a criar um mundo moldado e

[73] SMALL & WINKLER, *op. cit.*, p. 12.
[74] BURNETT, Charles. Introduction. In: *Adelard of Bath*: conversations with his nephew - On the same and the different, Questiones on natural Science and On birds. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
[75] Cf. também HANNE, *op. cit.*, pp. 77-78.

transformado pelas intenções e urgências de pessoas, mestres e discípulos. E são justamente eles que nos permitem afirmar que há a necessidade de uma nova geografia que dê conta de se compreender o renascimento do século XII para além de delimitações espaciais estabelecidas logo na partida como ensinou Sanjay Subrahmanyam. Algo que consideramos amplamente factível à medida que seguimos os atores que construíram os processos em questão. Neles, diferentes pessoas, lugares e saberes passam a coexistir de forma simultânea a produzir trocas, contatos e conexões que por sua vez formam redes surpreendentemente extensas e diversas. Pelo que apontamos, estes processos devem ser analisados com base no imperativo de se traçar relações distintas e específicas no interior dos mesmos assim como a necessidade de se evidenciar as variadas formas e expressões de conexão que se constituíram no tempo e no espaço,[76] algo que se torna ainda mais nítido quando observamos diferentes personagens a circular por diferentes lugares com os seus bens materiais e imateriais, como foi Adelardo de Bath.

Para concluir, não podemos deixar de fora outro elemento que conecta boa parte de nossa argumentação. No livro que dedicou a analisar a trajetória de Adelardo de Bath assim como os muitos lugares que ele percorreu e os saberes que ele adquiriu e suas possíveis origens, Olivier Hanne[77] propôs nas linhas finais de sua extensa narrativa que o protagonista de sua pesquisa foi o primeiro moderno antes de Pedro Abelardo, um dos personagens medievais mais famosos e cultuados pelos historiadores desde o século XIX. Ao trazer a proscênio a afirmação do teólogo e historiador Marie-Dominique Chenu, Hanne lançou mão do dispositivo de modernidade que criticamos desde o começo. Na verdade, à luz do que foi proposto por Sita Steckel Steckel, Jo Ann H. Moran Cruz e Chris Wickham para quem é necessário questionar esse dispositivo, o que indicamos e argumentamos nesta e em outras ocasiões é que esse tipo de abordagem de caráter teleológico pouco contribui com os debates acerca do que realmente era novo no século XII a ponto de a historiografia descrevê-lo como renascentista. Na verdade, ao nos alinhar com John D. Cotts,[78] outro crítico que cerrou fileiras com Steckel, Cruz e Wickham e para quem o século XII tem muito mais a nos dizer do que nós a ele, enxergamos em

[76] OGBORN, Miles. *Global lives*: Britain and the world 1550-1800. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 5.
[77] HANNE, *op. cit.*.
[78] COTTS, John D. *Europe's long twelfth century*: order, anxiety and adaptation, 1095-1229. New York: Palgrave MacMillan, 2013 e COTTS, John D. *The clerical dilema*: Peter of Blois and literate culture in the twelfth century. Washington: The Catholic University of America Press, 2009.

Adelardo e sua trajetória o surgimento de um protagonismo discente no qual as viagens e as possibilidades de se estudar em outros lugares com outros mestres tornaram-se viáveis, desejáveis até. Neste sentido, embora tenhamos Olivier Hanne como uma importante referência, acreditamos que mais que um "moderno", Adelardo foi um ator-rede do tempo no qual ele viveu e os vários fios desta rede podem ser encontrados nos lugares que ele percorreu e nos saberes e memórias que ele acessou e compartilhou, muitos destes e destas trazem vestígios de pontos nodais que nos permitem vislumbrar a existência de muitas outras redes que seguiam para muito além da cristandade.

Por fim, acreditamos que pensar o renascimento do século XII nos termos aqui propostos a seguir as pessoas e os processos sem antecipações forçadas que costumam flertar com toda sorte teleologismos é fazer uma história total de acordo com o que Rafael Marquese[79] propôs em *live* realizada no início da pandemia de *covid-19*: uma história feita por associações que leva em consideração os movimentos das pessoas e os impactos simultâneos destes em diferentes lugares a produzir redes capazes de revelar influências mútuas sem a necessidade de um centro único previamente definido. Redes que ajudam a indicar a existência de outras formas de globalização que têm muito a ensinar ao mundo de hoje em sua busca por uma outra globalização igualmente centrada no conhecimento e nas pessoas como um dia pensou, ensinou e escreveu Milton Santos.[80] Ao escrever acerca da própria trajetória, ensinar e devolver ao mundo o que aprendeu, Adelardo de Bath foi do individual ao coletivo, do local ao global, ou nas palavras que ele deixou, do mesmo ao diverso.

[79] MARQUESE, Rafael de Bivar. História Global: Teoria e Metodologia. YouTube, 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4QXhZPj1BQ>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.
[80] SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.